

HINOS PARA A PRINCESA D. JANUÁRIA: UMA EXPRESSÃO DE SEUS SÚDITOS EM 1836

Janaina Rita Silva de Souza[1]

Resumo
Este trabalho pretende analisar os diversos hinos patrióticos publicados no jornal A Gazeta Universal em Recife no dia 23/04/1836, esses objetos de análise trazem mais que gracejos dos súditos para a princesa no dia do aniversário, mas um retrato da vida política na década de 1830 do século XIX.

Palavras Chave: Gazeta Universal. Versos. D. Januária.

Introdução

Até a Revolução Francesa, a mulher não participava efetivamente da vida política, havia casos isolados onde mulheres assumiram regências e governavam reinos; o século XVIII é de fato um tempo de transformação nas relações de poder; é nele que temos mulheres governando reinos desde a Rússia a Portugal; mesmo estando em um papel subalterno, elas ganhavam corpo na vida política, não podemos esquecer da declaração dos direitos da mulher e da cidadã escrita por Olympe de Gouges.

Até o momento temos apenas ideias e elas influenciaram com muita intensidade o processo de independência Brasileiro, as mulheres também estavam lá, embora tenham sido apagadas pela Historiografia que mitificou apenas heróis masculinos; porém ainda se fala desse contexto sem mencionar sobre o papel articulador de Maria Leopoldina ou sobre as proezas militares de Maria Quitéria e Maria Felipa, ou sobre a delegação de senhoras Baianas que visitou a futura primeira imperatriz do Brasil trazendo consigo um manifesto apoiando a permanência do príncipe regente no Brasil, ou seja apoiando as ideias favoráveis ao processo de Independência.

Em meio a todo esse contexto nasce no dia 11 de março de 1822 às 5:30 da manhã uma menina de nome Januária, última filha de D. Pedro e D. Leopoldina a

[1] Graduada em História pela UNICAP. E-mail: rahnut@gmail.com



ser apresentada como infanta de Portugal; porém dentro da família Bragança não havia clima ruim pelo descumprimento às ordens das cortes feito pelos pais da criança, pois Dom Pedro escreve ao pai contando sobre o nascimento da filha, sabendo da notícia, a princesa portuguesa Isabel Maria, irmã de D. Pedro e futura regente de Portugal escreve ao pai da pequena princesa, felicitando-o pelo nascimento da filha:

> Queluz 4 de junho de 1822
> Meu querido mano desejo que tenha passado bem eu estou boa graças a deos e aqui chegou a mão que foi quando nós sabemos que o mani tinha tido mais huma filha da qual lhe dou muitos parabens e a mana tão bem aquem o mano dará muitos recados de minha parte e a menina veja de facer alguma encomenda da que para estar pronta para o servir em tudo que puder como
>
> Mana
>
> PS — Muito amiga
> A minha dama — Isabel
> Beijalhe a mão
> Pelo bom soceço
> Da mana

Temos um ponto interessante a notar lendo esta carta, é a irmã que está do outro lado do atlântico procura ser útil ao irmão e o seria anos depois, como mencionado acima, sendo regente de Portugal para D Maria II que estava fora do reino Luso nesse momento, outro ponto é que as relações familiares do Dom Pedro não estavam rompidas ou deterioradas nesse momento.

A infância de D. Januária feita princesa do Brasil após o 7 de setembro de 1822, transcorria tranquilamente no paço de São Cristóvão, até que em 11 de dezembro de 1826, sua mãe morreu deixando a menina de 4 anos órfã de mãe, em 16 de outubro de 1829 chega ao Rio de Janeiro D. Amélia que seria a nova “maman” da princesa de 7 anos e uma figura presente na infância dela.

O clima de instabilidade política pairava no ar, depois de se rebelar contra constituição outorgada em 1824, Pernambuco amargava a perda da comarca do São Francisco para a Bahia, mas não era só no Norte que havia ventos desfavoráveis ao imperador, na própria corte existiam vozes contestadoras ao governo e o segundo casamento de D. Pedro I nada ajudou em apaziguar os opositores, todos os fatores de queda de popularidade, anti-lusitanismo e etc, presentes nesse contexto, influenciaram na abdicação de D. Pedro I ocorrida em 07



de abril de 1831; ele deixava para trás um país em clima de revolta e 4 filhos pequenos que ficariam aos cuidados de tutores.

“Minha querida Januária”

Na manhã do dia 7 de abril de 1831, o paço de São Cristóvão amanheceu com uma atmosfera triste, segundo Rezzutti, 2019; pág. 59:" As crianças não souberam de imediato da partida do pai, da irmã e da madrasta", os adultos tentaram seguir o protocolo de uma sociedade de corte e dissimular, mas eles sabiam que havia algo errado ali.

Em sua primeira carta ao pai após o ocorrido, D. Januária conta que "Não me quizerão chamar q[uan]do V.M.I. partio e nem tive a conçolação de ter recebido a benção paterna", esse documento datado de 9 de abril de 1831, externa uma criança terna que sentia saudades do pai e como uma menina ela expressa em uma caligrafia muito polida e uma linguagem infantil, a obediência ao pai que partiria do Brasil.

Antes da partida de D. Pedro, agora Duque de Bragança em 11 de abril de 1831, recebia mais uma cartinha de sua filha, onde ela mais uma vez expressava as saudades que sentia e pedia a bênção paternal, um detalhe salta aos olhos é que a pequena princesa pede uma lembrança bem típica do século XIX: "pesso a V. M. I. hum bocadinho de cabelo", pois era o costume da época guardar mechas de cabelo das pessoas queridas como recordação das pessoas queridas.

No outro dia a bordo da corveta Volage, Dom Pedro responde a D. Januária em uma carta breve, porém que faz refletir a mudanças no contexto das relações familiares entre pais e filhos que passaram por transformações no século XIX,onde a figura do pai outrora autoritária, agora se transformava em alguém que se preocupava com os os filhos, muito diferente do antigo regime; no fim da carta ele dá a bênção paternal a filha e pode constatar que ela está bem de saúde.

No mesmo maço de documentação que é preservado no arquivo histórico do museu imperial de Petrópolis, existe mais uma carta de D. Januária para o pai datada de 9 de novembro de 1831; a carta se inicia com a filha externalizando as saudades sentidas e dizendo que estava fazendo progressos em seus estudos, também é enviando ao pai um presente feito por ela, um paninho para barba bordado a mão, o que nos faz lembrar de trechos já mencionados antes por Lilia



Schwarcz em As barbas do imperador que nos fala sobre as aulas de bordado que as princesas tinham em seu programa educacional.

Se tornando princesa imperial

Os anos que seguiram à abdicação não foram os mais tranquilos para D. Januária, seu tutor inicial era José Bonifácio de Andrada e Silva, nomeado por seu pai, porém destituído em 1833 e subsistido pelo Marquês de Itanhaém, mas fora do paço de São Cristóvão, os ventos eram de contestação, enquanto as crianças sofriam a perda da irmã falecida no início de 1833 e do pai em 1834, o Ato adicional era aprovado pela câmara trazendo a luz disputas de poder entre elites locais.

Em 1835, é instituída a regência una e convocada a primeira eleição para regente entre Diogo Feijó e Antônio Francisco de Paula de Holanda Cavalcante de Albuquerque, era a disputa das elites do sul contra as elites do norte.

Feijó vence a essas eleições e se torna regente do Império, porém em Pernambuco surge um movimento de oposição a ele que ganha corpo com a lei de 29 de outubro de 1835 que destitui Dona Maria II de Portugal do título de Princesa Imperial do Brasil e nomeia Dona Januária como herdeira do trono brasileiro, lei que só seria noticiada nos jornais pernambucanos em de 03 de fevereiro de 1836.

Em Pernambuco as elites conservadoras inconformadas com a perda das eleições para o oponente se articulavam e construíam um veículo para difundirem as suas ideias: o jornal chamado A Gazeta Universal, como aparece na primeira página do mesmo os lugares onde podia-se adquirir exemplares:

> Subscreve para esta folha a 640 reis. Por mez, pagos adiantados, na Praça da Independencia loja do Enquadernador de Livros D. 26; na rua do Cabuga loja do Senhor Bandeira Junior: em Olinda rua do Bomfim, caza do Destribuidor do Diário de Pernambuco e nesta Tipografia; Nestes lugares se recebem Annuncios Correspondencias, e outros quaesquer Artigos vindo assignados e as Correspondencias reconhecidas.

Deve-se notar como essas ideias circulavam no espaço urbano de Recife e Olinda as duas principais cidades da província e como a imprensa era usada para divulgar ideias; uma pessoa que tinha o dinheiro para comprar o jornal poderia adquiri-lo e publicar nele seus anúncios e correspondências, porém esse periódico



não sobreviveu ao regresso conservador, aparecendo anos depois no Rio de Janeiro, mas sem o caráter Januarista.

No dia 11 de março de 1836 aniversário de D. Januária acontece uma grande festa cívica preparada por Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, A Gazeta Universal publicava dois dias antes uma nota do presidente da província chamando as pessoas para o cortejo em homenagem ao dia do aniversário da princesa, porém como já mencionado no texto o principal jornal da província se colocava a favor do governo.

O diário de Pernambuco chamava os cidadãos do Império a se unirem em torno da figura do Imperador, em texto publicado no dia do aniversário, no entanto dias antes no dia 07/03 ele publica as notícias sobre as solenidades que ocorreriam, todavia um fato inusitado ocorreria nesse momento: o nordeste brasileiro patriarcal projetava uma figura feminina como protagonista de um movimento que era uma reação à perda das eleições para regente como demonstrado acima.

Nos diversos tipos de celebração ocorridos durante esse período; cortejo e teatro, salta-nos ao olhar um exemplar do jornal publicado em 23 de abril de 1836, quase dois meses depois da festa que traz consigo um texto celebrando a data e os hinos com teor patriótico direcionados a exaltar a figura da princesa e a causa dos conservadores que foram afastados do poder por uma regência liberal, como podemos observar no texto abaixo:

Outro
Eia, Patricias!
com alegria
DE JANUÁRIA
saudai o dia!

cantemos todas :
Viva a Princesa!
penhor seguro
Da Realeza!

onze de março
dia sem par
Nossa Orfandade
Has-de de findar

Hoje um triunfo
ganha o Brasil
sobre o de harpias



Bando servil

Brando que outr´oro
Caluniara
quem nossa patria
livre tornara

No peito ergamos
puros altares
Mandamos Hymnos
Aos livres ares

No início do texto o autor chama principalmente as mulheres para festejarem o 11 de março, o que demonstra mais uma vez o papel de mulher que essa elite projetava, mais adiante se observa os seguintes versos: “Nossa orfandade Has-de de findar”, ou seja a ideia de união nacional em torno do trono presente no primeiro reinado e que voltaria à tona no golpe da maioridade e também a ideia de uma monarquia paternalista que se fazia presente na ideia de regência nas mãos de uma adolescente de 14 anos é interessante o tratamento dado aos opositores do movimento aqui que são chamados de “harpias”, essas disputas de poder na província terão desdobramentos inflamados na década seguinte.

De Brangantina estirpe
Renovo Brasileiro,
De Nitheroy ás margens
O Dia vio primeiro

Prospere o fado
Tão aureo Dia
paz, alegria
Traga o Brasil

Procella assnatora
Que os póllos ameaçam,
De JANUARIA ao nome,
Qual nevoa, se desfaça.

Prospere o fado e & c

Aos rais d´este dia,
estremece o abismo,
Tremeo feroz licença,
Tremeo o despotismo!

Prospere o fado e & c

Augusta Irmã do Joven



MONARCA BRASILEIRO,
Torna ditosa a patria
O Rio de Janeiro.
Prospere o fado e & c

Do tórvo pão de assucar
Ao Sul, Ao Norte, voe
A glória d´este Dia
Por toda a parte sóe!

Prospere o fado e & c.

Em um segundo hino publicado no mesmo dia, há na primeira quadra uma evocação as origens da princesa, mas um detalhe nítido é que apenas a filiação paterna é mencionada; também se nota o sentimento de pátria regional tão comum ao período colonial sendo colocado no texto pelo seu autor quando se é mencionado as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, o tratamento dado aos opositores aqui é particular, pois em uma parte são chamados de “Pollos” e em outra parte de “Tiranos” o que demonstra articulação com outro texto publicado no dia 11 de março onde se pode ler opiniões desfavoráveis ao governo de Feijó, um ponto em destaque do texto é o pedido de paz em um momento que estouraram revoltas em diversas províncias geradas pelo Ato Adicional de 1834, menciona-se o parenteresco com o jovem D. Pedro II, vendo que eles apenas queriam uma regência e não uma usurpação de trono, anos mais tarde isso trará inúmeros aborrecimento a jovem Januária e Seu esposo o Conde de Aquila.

Eu te saudo,
Mimoso dia,
Dos Brasileiros
A Sympatia.

Da tua Auroa,
Grato rubor
Ao Brasil trouxe
Mimosa flor.

De Heróe Sublime
Recordação
Hoje nos traes
Ao coraçaõ.

Tu nos augaras
Melhor porvir:
Por ti a *Inercia*



Deve cair.

Nesse último texto temos um soneto romântico, típico do movimento que estava surgindo no Brasil e que ganharia forma nas décadas seguintes com auxílio da Casa Imperial, o autor saúda o dia de nascimento de D. Januária e faz um elo entre isso e a questão dos apoios a regência da princesa, há mais uma vez como mencionado acima a evocação de suas origens paternas e a mitificação de D. Pedro I como herói da independência, durante o Império essa imagem se mantém, porém com o golpe republicano é feita uma outra construção ; é mister notar em todos os textos como é colocado a questão do dever e da união entorno do trono a uma pessoa de 14 anos e com a condição de princesa seu dever era casar e gerar herdeiros, mas como Princesa Imperial; ela deveria estar sempre ciente da responsabilidade de governar caso irmão não tivesse descendentes.

Considerações finais

O Regresso Conservador de 1837 pôs fim a maior parte das revoltas, restando a Sabinada na Bahia e a Farroupilha no Sul, as contestações em torno da regência da princesa silenciaram, mas não chegaram a adormecer, anos mais tarde em 1839 tentou-se a primeira tentativa de negociação de seu matrimônio com o príncipe da Sardenha, mas o projeto é abandonado porque como herdeira do trono, muitos príncipes visavam a sua posição na linha sucessória.

1840 é marcado na historiografia brasileira como o ano do golpe da maioridade nele a princesa atingia a sua maioridade e de novo surgiam rumores sobre uma possível regência, sabemos por novos trabalhos publicados que as crianças eram blindadas de notícias sobre a vida política fora do ambiente do Paço de Cristóvão, até mesmo o jovem imperador, ou seja, ela não ficou sabendo sobre o movimento, mas tinha consciência que era uma princesa popular.

Esses súditos que faziam versos a Sua Alteza Imperial, estavam inseridos nas relações de poder do Brasil durante a regência, eles eram uma característica de seu tempo; tempo esse que foi esquecido nos arquivos, nós enquanto historiadores vivenciando esse momento de bicentenário da independência, devemos produzir uma historiografia que esteja ligada a esse período de novos olhares e porque não olharmos para D. Januária como uma mulher que vivenciou as transformações do



século XIX, seja nas suas relações familiares, ou nas diversas ações políticas que impactaram diretamente sua trajetória.

Referências

BARMAN, Roderick: *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*, São Paulo, Editora Unesp, 2002.

CARVALHO, José Murilo de: *A Construção Nacional: 1830-1889.* São Paulo, Objetiva, 2012.

_____, José Murilo de: *Dom Pedro II.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

HUNT, Lynn: *Política Cultura e Classe na Revolução Francesa,* São Paulo, Companhia das Letras, 20017.

JUNIOR, Manuel Nunes Cavalcanti: "*O EGOÍSMO, A DEGRADANTE VINGANÇA E O ESPÍRITO DE PARTIDO": A HISTÓRIA DO PREDOMÍNIO LIBERAL AO MOVIMENTO REGRESSISTA (PERNAMBUCO, 1834-1837)*, UFPE, Recife, 2015.
NASCIMENTO, Luiz do: *História da Imprensa de Pernambuco (1821/1954) Vol I Diário de Pernambuco*, 2ª ED, Recife, Imprensa Universitária Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

OLIVEIRA, Gabriel Alíbio de Lima: *Cronistas e Atlantes: Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues Silva e o Regresso Conservador (1836-1839)*, UFSJ, São João del-Rei, 2013.

PRIORE, Mary Del: *Pais de ontem: Transformações da paternidade no século XIX,* Universo, Niterói, 2017.

_____, Mary Del: *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac. 2000.

PERROT, Michele: *Minha História da mulher,* São Paulo, Contexto, 2016.

REZZUTTI, Paulo: *D. Pedro: A História Não Contada*, São Paulo, Leya, 2015.

_____, Paulo: *D. Leopoldina: A História Não Contada*, São Paulo, Leya, 2017.

_____, Paulo: *Mulheres do Brasil: A História não Contada*, São Paulo, Leya, 2018.

_____, Paulo: *Dom Pedro II: A História não contada*, São Paulo, Leya, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz: *As Barbas do Imperador*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.



Documentação Manuscrita
Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis:

I-POB-31.03.1822-IM.P. c 1-4,Arquivo da Casa Imperial do Brasil, Museu Imperial/ Ibram/Minc.

I-POB-09.04.1831-J.B.c 1-3, Arquivo da Casa Imperial do Brasil, Museu Imperial/ Ibram/ Minc.

Documentação Impressa:
BN Digital:
Diário de Pernambuco:

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 26, 03/02 de 1836.

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 53, 07/03 de 1836.

Diário de Pernambuco: Ano 11 ED N° 57, 11/03 de 1836.

A Gazeta Universal:

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 30, 09/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 31, 10/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 32, 11/03 de 1836.

A Gazeta Universal: Ano 1 EDNº 64, 23/04 de 1836.